

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

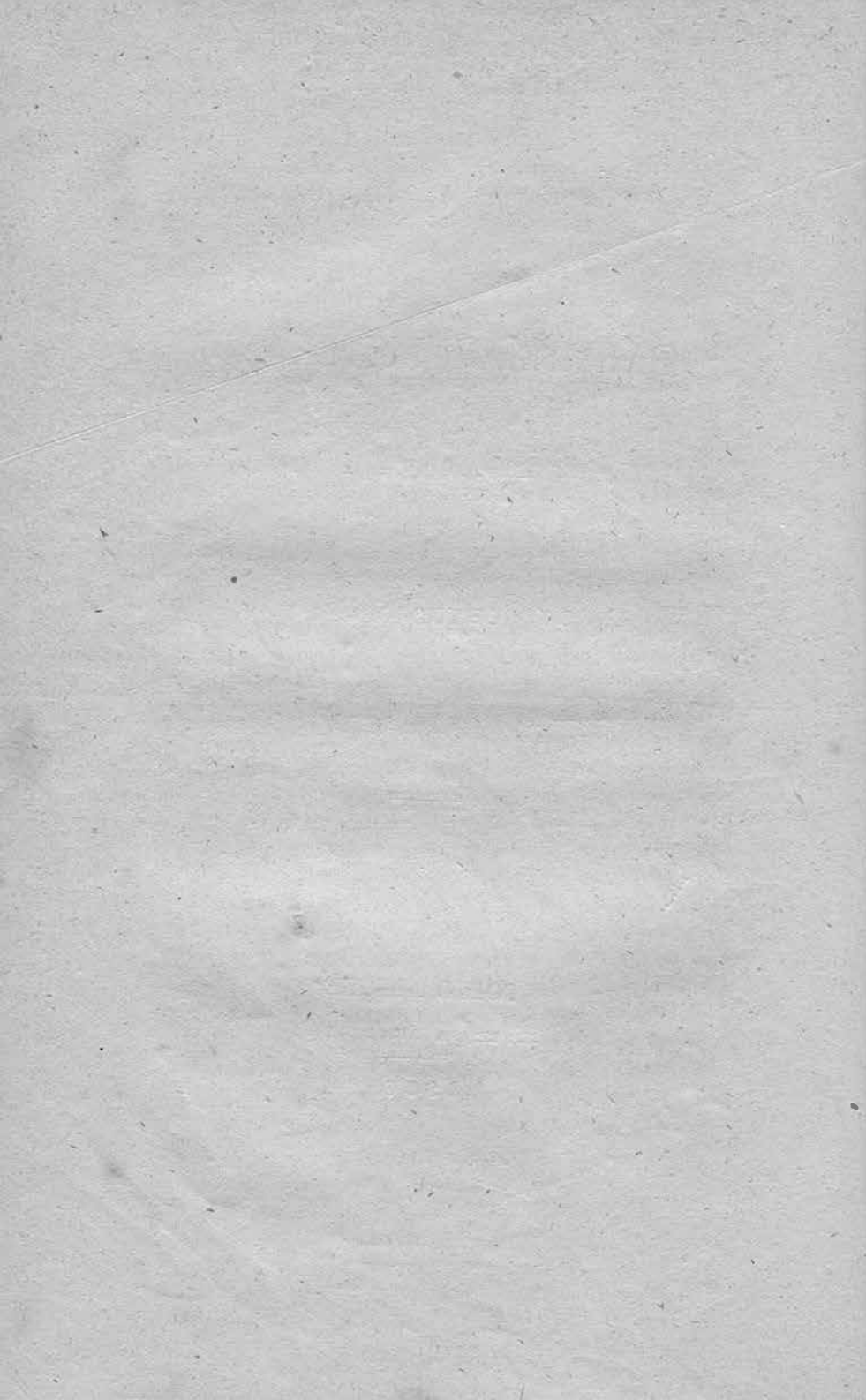
TERCEIRA SERIE

ANNO I OUTUBRO 31 N. 6

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1877



TRIBUNA DO PARTHENON

DISCURSO LIDO PELO 3º ORADOR AURELIO DE BITTENCOURT, NO
SARA'O DE 20 DE OUTUBRO

Perdão, senhores e senhoras, si em meio dos esplendores d'esta festa, eu só tenho para trazer a esta tribuna tristes suspiros de uma alma amargurada.

Duas verdadeiras calamidades acabão de abater a frente á Europa, e a dôr da ferida que vem de sangrar o coração da humanidade chega até nós, moços do *Parthenon*, que tendo sempre hymnos para festejar as grandes causas, também devemos ter lagrimas para chorar a queda de seus apóstolos.

O dia 4 de Setembro foi um dia de luto para a civilização e a liberdade.

Aquelle ancião venerando, que encheu o mundo com o seu saber; que, mais do que a si mesmo, pertenceu á patria; que por ella não havia difficuldades que não quebrasse; aquelle grande homem, o primeiro de seu tempõ, cuja dedicação patriótica está firmada no conceito de todos os povos; aquelle eminente cidadão, que fazendo a gloria de sua terra natal, via o seu nome repetido por toda a parte por entre honrosas referencias — transpôz n'esse dia os umbraes da Eternidade.

Fallo-vos, já q advinhastes, de Luiz Adolfo Thiers.

Quem foi?

Um homem de condição humilde, que subio, subio, subio, e foi um poder!

Quem o ajudou?

Caminhou por si só, seguro e feliz, porque no peito batia-lhe um coração de patriota, inflamado no santo amor da liberdade.

Preseindamos de consideral-o no seu passado glorioso, consagrado inteiro ao bem de sua patria, essa terra heroica, tão grande no fastigio da sua gloria, maior ainda na ressurreição da sua queda; deixemos o historiador eminente e consciencioso, o parlamentar que impunha a sua convicção por grandes rasgos de eloquencia, e examinemos o diplomata, que vê a terra de seu berço atirada n'uma guerra imprudente que a levará ao vilipendio, e sente não ser bastante forte para por si só oppôr barreira á invasão do inimigo triumphante.

Que tumulto n'aquella grande alma!

Quanta dôr ao vêr que as legiões irmãs são varridas pela metralha, e o fumo da derrota envolve a bandeira que se desfaldou garbosa ao sol de Sebastopol?!

Quanta angustia ao sentir a patria tão desamparada de recursos!

Thiers consulta-se a si mesmo, e sente as pulsações ardorosas de um verdadeiro coração francez; a idade... que importa? o patriotismo lhe diz que é moço; a esposa... Deos e a patria velarão por ella... e, exemplo edificante que não será perdido para a historia, o eminentissimo cidadão corre as capitales da Europa em busca de uma aliança que salve a França do naufragio em que está prestes a submergir-se.

Baldado empenho!

Sangre o coração do patriota: Pariz capitula, a civilização lamenta um desastre tremendo; a disciplina e a habil tactica militar têm castigado a leviandade de uma nação, que não soubera fiscalisar os seus destinos e abdicara n'uma autocracia o direito de pensar e resolver.

A vergonha porém não viera só.

Duas provincias occupadas como garantia de uma larga indemnisação.

Que calamidade tremenda!

Quem te conhecêra, ó França?

● autor de tuas de graças -- prisioneiro do inimigo : todas as tuas forças exbañtas ; a tua bella capital, a maravilha do mundo, destruida pelo petroleo.

Que mais falta para ser completo o teu infortunio ?

Quem será bastante ousado que não tema as chammas do incendio e se arrisque a vir amparar-le ?

Qual será o Christo que contemplando-te em meio de ruinas, se anime a dizer-le : levanta-te ?

Ha um velho sobre quem todas as vistas se fixão : tem a alma em luto, mas tambem só elle é bastante grande para arcar com o peso da responsabilidade de uma situação a todos os respeitoos excepcional.

Luiz Adolfo Thiers é proclamado presidente da republica franceza.

Qual o seu programma ?

Em nome de que principios vai governar ?

Que inspirações o animão ?

Uma só inspiração — o patriotismo ; um só principio — o bem da patria ; um só programma — a reconquista da Alsacia e da Lorena.

E' então que Thiers se revela um homem prodigioso : apagnem-se todas essas grandes glorias do historiador, do homem d'Estado que dirige e combateu situações solemnes, e detenhamo-nos diante d'esse vulto extraordinario, que subjuga a lei natural do repouso e do alimento material, pede, insta, descobre, trabalha, e consegue afinal que o pagamento da enorme indemnisação se faça com os proprios recursos do paiz, que a desoccupação do territorio francez se effectue, que a ordem se restabeleça em todas as funcções do Estado, que o nome da França resurja glorioso para os santos commellimentos da paz, para as justas pacificas da intelligencia e do trabalho !

Quanta abnegação n'essa empreza homerica !

Quantos sacrificios, quantas noites sem somno, quantos dias sem repouso, mas tambem quanta satisfação e quanta

gloria por ter trazido ao banquete da civilização e da liberdade uma nação que esbarrara no abysmo!

Concluido o periodo de sua gestão, recolheu-se Luiz Adolfo Thiers ao descanso, si é que podem têl-o os homens como elle foi.

Tempos nebulosos voltarão á França com o governo do successor, que entregou-se ao serviço de idéas retrogradas e contrarias ao espirito do seculo, que sobre todas quer a supremacia da intelligencia pela palavra e pela penna; e quando o povo ia pronunciando já em voz alta o nome para elle sympathico do homem capaz de encarar de frente e substituir a actual ordem de cousas por outra consoante ás exigencias da epocha e aos sentimentos da nação, fulmina-o a nova inesperada e surprehendente de que não existe mais Luiz Adolfo Thiers.

Morreu?

Não. Repetirei o que um escriptor dizia ha pouco junto ao tumulo do senador Pompeu: « Só houve um pouco de barro que se desaggregou; a fórmula é que pereceu. Não se morre. O espirito sobrevive além, no seio de Deos; e na terra, entre os homens, perpetua-se a entidade moral pela memoria das boas acções. »

O mundo inteiro tem chorado a grande perda, porque os clarões d'aquella opulenta intelligencia chegavão a todo o mundo.

O *Parthenon* tambem compartilha a dôr immensa que sentem todos os corações livres; o *Parthenon* que ama a liberdade, que a quer influindo como primeiro poder nos destinos das sociedades, que a deseja innata no coração do genero humano como condição essencial de perfectibilidade e engrandecimento.

* * *

O outro vulto grandioso que se sumio por entre as sombras da noite da existencia chamava-se Alexandre Herculanô.

Quem era ?

Tambem um fervoroso apostolo da liberdade !

Foi por ella que batalhou sempre : queria-a presidindo ao governo das nações e cercada de mil adorações no fôro íntimo do individuo.

Alexandre Herculano pudera ter sido o primeiro homem de seu paiz pela influencia immediata na direcção de seus destinos ; porém recusou sempre todas as honras que lhe conferio o poder.

O seu isolamento chegou a ser mal interpretado ; disse-se que o orgulho o obrigava a recusar-o contingente que todo o cidadão deve á causa pública. Mas que maior contingente do que o que prestava elle então, de sentinella ao passado que se desprendia para o esquecimento, e escrevendo a historia da sua terra, vivo documento de saber, estudo e amor ao berço natal ?

Herculano, celebrado como historiador, não teve menor nomeada como poeta : quem se não encanta aos sons suavissimos da *Harpa do Crente* ? Quem pôde passar isento de sublimes enlevos diante das harmonias que trescalão-se das paginas do *Eurico* ?

Ah, senhores, o que me contrista é rever-me tão pequeno para dizer em linguagem expressiva e eloquente como considera o *Parthenon* a vultos de tal estatura ; o que sinto é que me seja dado apenas balbuciar timidas phrases, pallido elogio de homens que se nos revelarão em tão collossaes proporções.

Sejão-me defesa, porém, os bons desejos ; eu, compromettido a tratar n'este lugar d'outro assumpto, não pude resistir ao impulso da consciencia, que me segredava que o *Parthenon* tinha o dever de prestar tambem homenagem a esses grandes homens, que deixarão em sua passagem pela terra exemplos em que poderemos inspirar-nos, e forão sentar-se n'essa extensa galeria onde figurão os predestinados de Deos.

Apagarão-se no mundo dous grandes fachos de-luz ; devem existir no céu outras tantas estrellas mais.

Pobre França, desditoso Portugal! o *Parthenon* mistura ás vossas as suas lagrimas, porque é de chorar quando se abrem n'uma nação vacuos assim imprehenechiveis; e comvosco confunde as suas preces por esses dous homens, irmãos pelo talento e pelo patriotismo, e cuja gloria se resume em duas palavras: tiverão na vida a santificação da posteridade!